



**PLANO DE AÇÃO - GRUPO 5 “DINOSSAURO” 2018 - Turno Vespertino**

***Territórios, tempos e relações na Infância  
para imaginar, criar e experienciar***

**Professoras:**

Profª: Dnda. Márcia F. Torres Pereira

Profª: Mnda. Beatriz Pita Stival

Estagiário (Licenciatura em Psicologia): Gustavo de Aguiar

Coordenação Pedagógica:

Profas. Me. Rafaela Moraes e Me. Camila Cerqueira

**Justificativa**

As ações pedagógicas no Grupo 5 (crianças de 5 anos a 5 anos e 11 meses) se destacam a partir da organização curricular do Departamento de Educação Infantil do CEPAE e têm como base teórica e metodológica a teoria histórico-cultural na compreensão sensível do movimento contínuo e dialético do processo de desenvolvimento das crianças. A criança, por sua própria natureza, envolvida no seu tempo e espaço, não percebe o mundo como o adulto, com pressões e atenção nos resultados das ações.

É inegável a importância da infância no resto da nossa vida. Por isso uma cuidadosa atenção deve ser dada às nossas crianças, especialmente quanto aos estímulos produzidos pela cultura de nossa época, entre símbolos, signos, valores e formas de produzir a vida. As crianças reagem através de seu comportamento, fala, linguagem e emoções, por isso, escutar as respostas que as crianças têm dado diante dos ideais de nosso tempo é o que nos propõe a realizar no Grupo 5 “Dinossauro” para que o desafio na educação infantil seja a formação da criança para que ela saiba lidar com a produção cultural e interferir sobre ela.

Devido ao fato de o tempo da criança ser diferente do tempo do adulto, ela brinca com o tempo. Contudo, a artificialidade dos brinquedos, a quantidade de objetos e de informações que são oferecidas às crianças acabam por interferir no próprio ato de

brincar e no modo como ela lida com a realidade. De acordo com a teoria histórico-cultural a atividade principal é a brincadeira e segundo Vigotski (2004) essa atividade visa desenvolver a imaginação, a criação e a função simbólica da consciência. A interação, portanto, é fundamental para esse processo de aprendizagem/experiência na educação infantil.

Vivemos tempos da virtualidade das relações, independente da idade. A exigência de estar permanentemente *on-line* inaugura uma forma de convívio onde as pessoas podem estar de corpo presente, mas, psiquicamente ausentes, olhando cada um para sua janela virtual. Como considerar esta dissociação do corpo da criança que ainda nem se apropriou dele? Como essa maneira de estar junto está afetando nossas vidas e principalmente o universo infantil? O que crianças podem nos contar a respeito da infância de hoje?

Para isso, o contexto social e cultural atua significativamente no decorrer de seu desenvolvimento, surgindo comportamentos adaptativos bem como reestruturações das necessidades e incentivos percebidos modificando a sua conduta. As crianças ao desempenharem a atividade principal (brincadeira) neste período de seu desenvolvimento, a imaginação se apresenta como fundamental e como base interna de sua personalidade para participarem ativamente da leitura de mundo, dos conhecimentos e dos conceitos socialmente construídos. (VIGOTSKI, 2004).

Portanto, a concepção infantil de mundo precisa ser compreendida como configuração coletiva. Para Benjamin (2009), assim como o mundo da percepção infantil está impregnado pelos resquícios da geração anterior, tal influência faz com que as crianças se defrontem com esta realidade e, do mesmo modo, ocorrem com os seus jogos e com os brinquedos. Mesmo quando não imitam os instrumentos dos adultos, há confronto, e na verdade, não tanto da criança com o adulto, mas deste com a criança.

As memórias nos constituem e, por isso, revisitá-las é como olhar para a nossa própria constituição; elas trazem compreensão de quem somos e nos faz ver possibilidades de transformação. Mas, no mundo de hoje, compartilhar e expor as experiências parece muito mais fundamental e urgente do que vivê-las de fato.

A aprendizagem da criança além de ser inicialmente uma adaptação em que a criança vê e reconhece no adulto o modelo, ela o deseja para o seu brinquedo, seja ele qual for, e geralmente estes brinquedos são menores do que a criança, assim como a criança é menor para o adulto. Pode-se observar que o brinquedo é condicionado pela cultura e é uma criação para a criança e não uma criação da criança, assim também o

brincar tem sido visto sob a perspectiva do adulto, exclusivamente sob a perspectiva da imitação.

Contudo, se a criança é a alma dos jogos e das brincadeiras, que nada a torna mais feliz do que o “mais uma vez” ou “de novo”, toda a experiência mais profunda necessita de repetição e retorno, e a criança precisa assenhorear-se de inúmeras experiências, saborear sempre de novo, aventurar-se de maneira mais intensa, cujos triunfos e as vitórias são conquistas internas, assim também são com os territórios da infância em que estão presentes personagens de histórias infantis na interlocução com os contextos sociais e políticos que envolvem as crianças e também das mídias; territórios em que a criança tenha a oportunidade para explorar diferentes possibilidades ao entrar em contato com ele, construindo experiências e aprendizagens significativas ao desenvolvimento.

Contar histórias de nossa infância, das brincadeiras que fazíamos na rua, no parque, no quintal... às nossas crianças é uma forma de estimular a imaginação e fortalecer laços. Mas o espaço geográfico da infância mudou. E mudou também a forma como nos relacionamos, com o colega, com o vizinho... com o outro. De qualquer forma, seguimos transmitindo valores, modelos, atitudes... O espaço que reservamos as crianças, a maneira como tecemos nossos laços, o jeito com que lidamos com o outro, tudo isso afeta e constrói a infância de um determinado tempo.

Ao narrar a experiência, a criança volta a criar para si todo o fato vivido, começa mais uma vez do início, fazendo sempre de novo, transformando a experiência em um contexto de relações que propõe alteridade e não um processo de competitividade com o outro. Com a brincadeira envolvemos com os demais em suas diferenças e criamos vínculos mais concretos, ressignificando e complexificando as brincadeiras e os jogos com o objetivo de internalizar suas descobertas, ampliando a imaginação. Este é o processo que este plano de ação busca realizar, seguindo as etapas acima apresentadas sobre as ações e atividades propostas.

A criança compreendida como ser concreto, social e sujeito historicamente construído necessita de ações político-pedagógicas significativas que ampliem suas possibilidades de descobertas, seus conhecimentos e suas vivências. Dessa forma, compreende-se que a linguagem é a forma propositiva de uma *práxis* atenta às crianças em sua totalidade, exatamente pelo fator expressão/comunicação que nos define como seres humanos, incluindo as expressões corporal, verbal e visual.

Os conceitos, segundo Vigotski (2010), são as formas idealizadas dos símbolos, os quais têm finalidade de obter alguma coisa e assimilar os conhecimentos historicamente produzidos. Os conceitos pertencem a um sistema de interações, que potencializam o desenvolvimento entre pensamento e palavra inteiramente ligados à realidade e se ampliam para a formação de conceitos científicos. Por isso, a observância quanto aos princípios da formação de conceitos estão ligados ao letramento, como requisito básico da educação infantil ligada à atividade principal (brincadeira).

Os seres humanos aprendem e se desenvolvem, através da percepção complexificada que possuem e constroem em relação a si mesmos, aos outros e ao mundo. O papel social dos/das professores/professoras é o de proporcionar o acesso ao conhecimento científico sistematizado, decodificando-o e problematizando situações que possibilitem a inter-relação com a realidade social, em um mundo no qual a pressa do tempo passa a influenciar diretamente o que pode e o que não pode ser feito, com as atividades, a lógica de acelerar a infância pode fazer muito sentido e suas implicações passarem despercebidas, devido, sobretudo, à própria falta de tempo para refletir com atenção.

Por trás deste movimento de tentar apressar os processos relacionados ao desenvolvimento das crianças, escondem-se problemas que podem ser desencadeados na vida adulta, justamente, devido a uma infância fragilizada, na qual a criança não teve tempo de ser criança, brincar livre e espontaneamente, sem preocupar-se com os resultados do seu agir.

Embora ao longo do processo histórico a criança já tenha passado por diferentes compreensões – tanto de negação quanto de submissão – e denúncias dessas formas tenham sido feitas, mais do que nunca, nos últimos tempos, o brincar espontâneo e prazeroso da criança vem sendo ameaçado e desvalorizado por uma lógica utilitarista que é imposta pelo adulto (HONORÉ, 2009). Uma maneira de viver orientada para os resultados das ações, para a busca da especialização precoce e para as preocupações que se encontram exclusivamente no futuro. Desta forma, esquecendo-se do presente e não aceitando a criança como ela se encontra no agora, e sim, na expectativa do que ela poderá vir a ser, pois conhecer mais sobre o tempo é conhecer mais sobre nós mesmos e, cada vez mais à autonomia.

Estas explicações iniciais se configuram como importantes eixos para se pensar o papel da educação infantil em nossa atualidade. Portanto, se faz necessário uma proposta que envolva a linguagem em suas mais variadas dimensões (biológicas,

culturais e sociais), a fim de contribuir para a ampliação e aumento do repertório coletivo e individual das crianças, bem como a apropriação dos conhecimentos materiais e não materiais produzidos e acumulados ao longo da história humana.

### **Objetivo Geral:**

Proporcionar, a partir da brincadeira, a integração dos conhecimentos de Linguagem, Ciências da Natureza, Artes, Brinquedos e Brincadeiras considerando a interação, a imaginação, a criação e a experimentação para ampliar a concepção da criança como ser social, que vive o seu tempo e suas experiências culturais.

### **Objetivos Específicos**

- Proporcionar o conhecimento e o reconhecimento do próprio corpo e do corpo do outro, bem como, as diferentes sensações e movimentos.
- Oportunizar experiências que propiciem alteridade e respeito à diversidade.
- Possibilitar a identificação das singularidades próprias e das pessoas com as quais convive em seu cotidiano, respeitando as diferenças e aprendendo com elas.
- Promover a formação de conceitos na perspectiva da cultura da escrita/letramento a partir da literatura infantil.
- Possibilitar experiências narrativas, interagindo com a linguagem oral, corporal, musical, visual e escrita;
- Viabilizar recursos materiais e imateriais que propiciem o desenvolvimento da consciência;
- Promover experimentações e situações problemas.
- Propiciar oportunidades para explorar espaços e territórios culturais à humanização.

### **Metodologia:**

A práxis educativa do presente plano de ação é embasada na teoria Histórico Cultural que, por sua vez, se pauta no método materialismo histórico dialético, tem como objetivo o trabalho coletivo e a ação qualitativa na intervenção e na transformação da realidade social. A característica básica da ação pedagógica assentada na dialética é, sobretudo, qualitativa e histórica, em que análise e síntese possuem dimensões criativas

e de unidade constituídas como ações orgânicas de leitura e interpretação da constituição do Real, bem como, de sua transformação.

Num ambiente em que a criança tenha como procedimento o acolhimento, o cuidado, o afeto, a socialização e aprendizagens baseadas em diferentes áreas de conhecimento, compreende-se que o Departamento de Educação Infantil do CEPAE é um espaço de relações para a promoção e ampliação da experiência humana com ações e atividades voltadas à uma educação lúdica, mediadas por intervenções intencional e consciente dos/das professores/professoras na promoção do desenvolvimento das funções psicológicas superiores das crianças.

Neste sentido, vários procedimentos podem ser realizados para alcançar os objetivos propostos nesse plano de ação. Dentre eles, estão:

- A utilização de rótulos de produtos, de imagens de revistas conhecidos pelas crianças, considerando as formas, a imagem, os símbolos gráficos e as cores
- Os conhecimentos prévios do letramento visual e interpretativo;
- Os registros dos conceitos apreendidos em contações de história;
- Os desenhos como representação dos objetos e situações relacionadas;
- A memorização de poesias em verso; estrofes; parlendas e adivinhações manifestada de forma oral, musical e gestual.
- A seleção de histórias infantis relacionadas à temática do plano de ação.
- A elaboração de jograis e dramatizações.
- O conhecimento das formas geométricas, das quantidades relacionadas a adição, subtração e divisão de objetos.
- Apresentação dos nomes das crianças, dias da semana, dias do mês e o nome do mês.
- Realização de jogos com regras e jogos de papéis.
- Construção de brinquedos e brincadeiras.
- Experimentos sobre os fenômenos e recursos naturais.
- Confecção de álbuns e/ou livros com a participação das crianças do grupo.
- Ampliação e/ou desenvolvimento de especificidades de conhecimentos desenvolvidos em atividades coletivas, como: Artes, Ciências da Natureza, Linguagem e Brinquedos e Brincadeiras.
- A participação dos projetos de extensão propostos pelo coletivo de professores do DEI que envolvam as crianças.

As ações propostas neste plano de ação poderão sofrer modificações no decorrer do ano de 2018 devido ao processo que permite que a criança reelabore a realidade em que vive e não apenas a reproduza, como uma mera adaptação. É preciso compreendê-la em sua complexidade com possibilidades de ressignificação e participação. Nesse processo de formação, a intervenção na construção de novas relações sociais visam efetivar as relações de alteridade, em meio da diversidade, o reconhecimento de espaços e territórios culturais. Entende-se que as práticas devem ser significativas para não subordinar os conhecimentos ao cotidiano das crianças que interfiram no tempo da criança.

### **Avaliação:**

No Departamento de Educação Infantil CEPAE - UFG a concepção sobre os processos e os instrumentos avaliativos da Educação Infantil são concebidos de forma indissociada do cuidar e do educar, da relação professor/criança e criança/criança, como de outros elementos que constituem a totalidade da formação da criança, baseados na organização da proposta curricular do DEI/CEPAE que se materializará de forma contínua e processual, contribuindo qualitativamente para a construção do conhecimento da criança. A avaliação centra-se nos processos de ensino-aprendizagem, na individualidade e em coletividade, bem como, na sua relação com o outro e com o ambiente ao seu redor, marcada pelo diálogo, envolvendo participação efetiva e responsabilidade com autonomia.

A avaliação é compreendida como um processo contínuo, visto que, este instrumento necessita estar atrelado à apreensão dos elementos da cultura, complexificação do pensamento e ampliação da consciência. A avaliação é, portanto, composta por relatórios semanais advindos das observações diárias, autoavaliação da criança e a elaboração e socialização de conselhos avaliativos ao final de cada semestre, onde são priorizadas as relações criança/criança, professor(a)/criança e as relações entre criança, ambiente e professor(a), no sentido de garantir a qualidade da práxis pedagógica.

A avaliação não tem como *locus* o desenvolvimento de uma criança em detrimento à outra, tão pouco a mensuração do alcance de objetivos propostos, pois compreende o que cada criança consegue dentro de suas possibilidades e especificidades, assim como, os avanços por ela conquistados no desenvolvimento de cada atividade e no decorrer do semestre.

**Referências:**

BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação.** São Paulo: Editora 34, 2009.

HONORÉ, C. **Sob pressão.** Rio de Janeiro: Record, 2009.

RAMOS, R. M. **Planejamento, registro e avaliação:** instrumentos que ressignificam a prática docente na Educação Infantil, CEPAE - UFG, 2015.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Imaginação e criação na infância.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.